

Educação museal e a teoria das representações sociais: a experiência do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner – Corupá (SC)

Museum Education and Social Representation Theory: The Museum Irmão Luiz Godofredo Gartner Experience – Corupá (SC) – Brazil

Educación Museal y la Teoría de las Representaciones Sociales: la experiencia del Museo Irmão Luiz Godofredo Gartner – Corupá (SC) – Brasil

Joice Leticia Jablonski¹
Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes²
Cibele Dalina Piva Ferrari³

Recebido em: 9/2/2018

Aceito para publicação em: 27/2/2018

Resumo: O presente artigo trata da importância da teoria das representações sociais para estudos que visem conhecer a relação dos museus com a sociedade em que estão inseridos, na medida em que ajuda a compreender quais são e como as representações da sociedade sobre determinado museu foram construídas através do tempo. A análise está baseada em pesquisa realizada em um dos museus mais antigos de Santa Catarina, o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, localizado em Corupá, e contou com pesquisa de campo em que se entrevistaram 130 pessoas, além da análise de documentação escrita, iconográfica e da própria exposição da instituição museal. Os resultados da pesquisa mostraram que, apesar de o Museu Irmão Luiz ter uma atuação educativa bastante antiga e consolidada, ela atinge pouco a população local, já que as escolas atendidas são, em sua maioria, de fora da cidade. Indicou, ainda, que a atual exposição não está sendo atrativa para a população local, já que esta não se identifica com o enfoque dado à amostra. Outra constatação foi de que, apesar de antiga e considerada ultrapassada em termos museográficos, é a coleção de animais taxidermizados que a população da cidade mais aprecia dentre as existentes no museu. Dessa forma, a análise das representações sociais sobre o museu possibilitou um redirecionamento das ações educativas ali apreendidas e a constatação de uma realidade que não era visível apenas pelas pesquisas de público ou com os usuários do projeto educativo.

Palavras-chave: representações sociais; educação museal; Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner; Corupá.

Abstract: The present article deals with the importance of Theory of Social Representations for studies that aim to know the relationship between museums and the society in which they are inserted, as it helps to understand what are and how representations of society about a museum were built through time. The analysis is based on research carried out in one of the oldest museums in Santa Catarina,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e licenciada em História pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Atualmente é colaboradora do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner, onde realiza pesquisas e educação patrimonial por meio de ações educativas e culturais. É também professora de ensino básico.

² Graduada, mestre e doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Lisboa. Professora da graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade da Univille. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos Interdisciplinares de Patrimônio Cultural (Geipac/Univille/CNPq).

³ Licenciada em História pela Univille, pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade Regional de Blumenau (Furb) e mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade pela Univille (bolsista Capes). Atualmente é aluna do Programa de Doutorado em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), linha de História e Historiografia da Educação. É pesquisadora do Geipac/Univille. Atua como professora de ensino básico e superior.

Brazil, the Museum Irmão Luiz Godofredo Gartner, located in Corupá. The field research interviewed one hundred and thirty people, written documentation analysis and iconographic documents, and the museum's own exhibition. The results of the research showed that, although the Irmão Luiz Museum has an educational activity that is quite old and consolidated, it affects the local population very little, since the schools served are located, for the most part, outside the city. It also showed that the current exhibition is not attractive to the local population. Another finding was that the collection of taxidermized animals, although considered outdated in museographic terms, it is the most appreciated among those existing in the Museum. In this way, the analysis of the social representations about the museum allowed a redirection of the educational actions and the identification of a reality that was not visible in former researches.

Keywords: social representations; Museum Education; Museum Irmão Luiz Godofredo Gartner; Corupá/Brazil.

Resumen: Este artículo aborda la importancia de la teoría de las representaciones sociales para estudios que tienen como objeto conocer la relación de los Museos con la sociedad donde están incorporados, eso ayuda a entender cuáles son y cómo las representaciones de la sociedad sobre determinado Museo fueron construidos a través del tiempo. El análisis se sustenta en estudios realizados en uno de los museos más antiguos de Santa Catarina, el Museo Irmão Luiz Godofredo Gartner, situado en Corupá, Santa Catarina, Brasil, fue realizado una encuesta de campo, entrevistando a 130 personas, además del análisis de la documentación, iconográfica y de la propia exposición de la institución museal. Los resultados de la encuesta mostraron que, a pesar del museo Irmão Luiz tenía una actuación educativa muy antigua y consolidada, alcanza poco a la población local, porque las escuelas atendidas son en su mayoría, fuera de la ciudad. También mostró que la actual exposición no está siendo atractiva para la población local, porque ésta no se identifica con el enfoque dado a la muestra. Otro hallazgo fue, que es muy antiguo y considerado anticuado en términos de museográficos es la colección de animales disecados que la población de la ciudad más aprecia entre las existentes en el museo. Así, el análisis de las representaciones sociales sobre el museo posibilitó una redirección de las acciones educativas se agarró y la constatación de una realidad que no era visible sólo por las encuestas de público o con los usuarios del proyecto educativo.

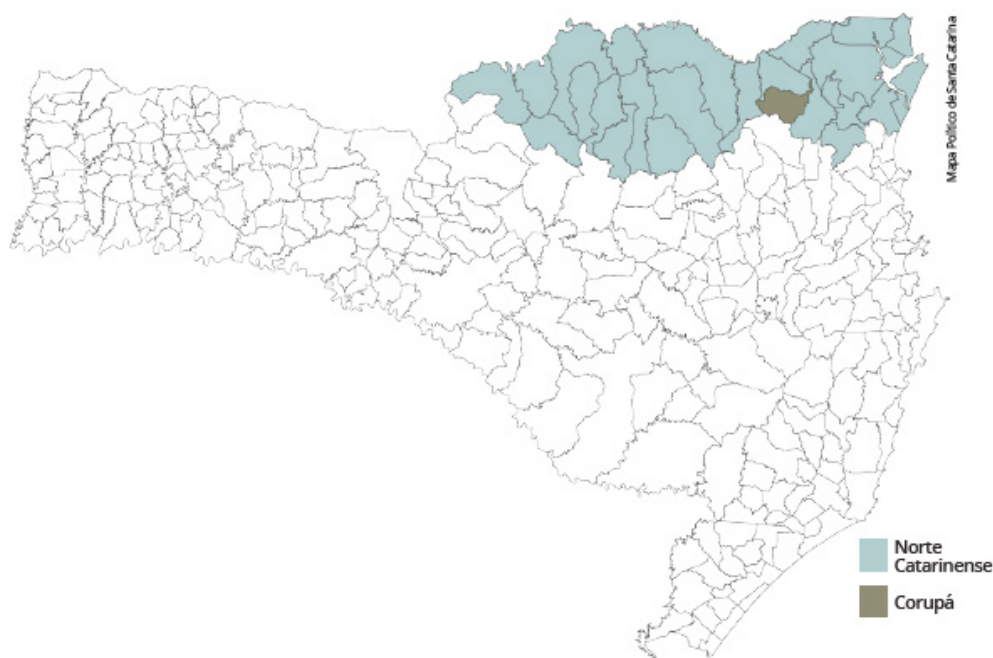
Palabras clave: representaciones sociales; educación museal; Museo Irmão Luiz Godofredo Gartner; Corupá/Brasil.

INTRODUÇÃO

O entendimento de museus como espaço de educação já está consolidado, e na atualidade muitos museus vivem um processo constante de experiências, mudanças e adaptações no que tange as suas práticas educativas. Este artigo objetiva discutir a validade de utilizar a teoria das representações sociais, desenvolvida por Serge Moscovici na década de 1960, como vetor de escolha e qualificação de ações educativas, tornando-as mais consistentes e próximas das necessidades apontadas pela população de entorno dos museus. Para atingir nossos objetivos, fazemos uma breve discussão sobre a teoria das representações sociais e sua possível utilização para a interpretação das relações sociais que envolvem os museus. Posteriormente apresentamos o trajeto que a Museologia percorreu nos últimos anos, buscando uma maior integração com a sociedade. Na terceira parte

do artigo são apresentadas informações históricas sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (MILGG), localizado na cidade de Corupá, Santa Catarina (figura 1), sobre o qual desenvolvemos um estudo de caso. Essas informações têm o objetivo de contextualizar as considerações acerca das representações que a sociedade de Corupá demonstrou ter sobre ele, assunto que fecha o artigo. Para comprovar nossas considerações, foi realizada uma pesquisa de campo com 130 pessoas, moradores da cidade onde o MILGG está localizado.

Figura 1 – Localização do município de Corupá no estado de Santa Catarina



Fonte: Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (2016)

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E A EDUCAÇÃO MUSEAL

A teoria das representações sociais foi criada pelo psicólogo social romeno Serge Moscovici na década de 1960, quando destacou que “todas as interações humanas pressupõem representações e é isso que as caracteriza” (MOSCOVICI, 2009, p. 40). Nesse sentido, as representações sociais estão relacionadas com as realidades social e histórica que cercam o objeto de representações e contribuem para a sua construção. O conceito de representações é apontado como híbrido, por pertencer a duas áreas de conhecimento, a saber, Sociologia e Psicologia, referindo-se os fundamentos desse conceito a uma epistemologia psicossocial (NOVAES; ORNELLAS; ENS, 2017). No entanto, nos últimos anos, como aponta Alba (2011), a teoria passou a ser utilizada para análises em diversas áreas, especialmente nas Ciências Sociais. As representações sociais teorizadas por Moscovici seriam uma amplitude do estudo das representações coletivas de Durkheim.

Considerando a dimensão da teoria de representações sociais, já está evidente sua relação com a Museologia. Rechená (2011), ao estudar as representações sociais sobre as mulheres nas exposições de museus de Portugal, busca explicitar a ligação entre tal teoria e o campo museal, defendendo a ideia de que o museu é um lugar de representações. Para a autora, o que é apresentado nos museus se configura como representação.

A escolha de pesquisar o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner com base na teoria das representações sociais está ligada ao fato de se poder perceber esse objeto de forma ampla, considerando que “as representações permitem acesso às dimensões simbólicas, culturais e práticas dos fenômenos sociais” (ALMEIDA; JODELET, 2009, p. 105).

Nas Ciências Sociais, as representações são definidas como “categorias de pensamento que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a”, e estão inseridas no jogo de interesses e disputas sociais (MINAYO, 2009, p. 89). A atividade representativa é um processo psíquico que permite aos indivíduos tornarem presentes em seu universo subjetivo o que ainda está distante ou ausente (NOVAES; ORNELLAS; ENS, 2017). Seu estudo possibilita a análise do comportamento socialmente construído dos indivíduos diante do objeto de pesquisa, pois, conforme Moscovici (2009), as representações são produtos, mas também são processos no contexto das interações sociais. As práticas culturais geram as representações que, por sua vez, geram novas práticas. A criação de representações não é um ato passivo, pois, ao fazer isso, os indivíduos reconstróem os objetos representados a partir de suas referências pessoais. Assim, as representações são as formas pelas quais compreendemos o mundo e nos relacionamos com ele (NOVAES; ORNELLAS; ENS, 2017).

Psicologicamente as representações trabalham na adaptação e na inclusão no meio, familiarizando os objetos aos indivíduos e orientando ações sociais. Isso porque os indivíduos buscam interpretar, entender e construir o mundo, e fazem isso por meio de mediações sociais que geram representações sociais. Estas, por sua vez, influenciam os processos de mediação e expressam o espaço do sujeito na sua relação com o diferente (JOVCHELOVITCH, 2009).

Os museus são importantes referências para os indivíduos nesses processos, assim como podem vir a ser o objeto de suas representações. A socialização dos bens e a educação museal existem para diminuir a não familiarização dos indivíduos com os bens que compõem o patrimônio cultural de determinada sociedade.

O estudo das representações sociais possibilita o questionamento da natureza do conhecimento e a relação entre o ser e a sociedade. Primeiramente as representações são sociais e, depois, individuais – o processo cognitivo individual do ser toma como referência a sociedade, o meio em que está inserido (RODRÍGUEZ, 2004). As representações sociais baseiam-se no cotidiano, nas pessoas que criam suas próprias realidades, servindo-se delas para se comunicar e se identificar. Portanto, são estudadas socialmente, mas levando em consideração os aspectos atitudinais, as emoções, as formas de comunicação, as explicações causais e o comportamento perante o objeto e o meio. Por conta desse caráter social, servem como ferramentas de coesão das comunidades e dos grupos, assim como de diferenciações.

As representações são o conhecimento coletivo organizado e têm como função convencionalizar os objetos, descrever, classificar e explicar a realidade, comunicar e orientar comportamentos (MOSCOVICI, 2009). As representações não se referem somente ao conteúdo, mas também ao processo da atividade psíquica que implica na apreensão ou na criação da realidade. Elas são desenvolvidas por meio da comunicação e com base na combinação de conhecimentos socializados, sejam eles científicos, sejam crenças, saberes tradicionais, ideologias ou outros. Por meio de um ato criativo, o indivíduo adquire e organiza seus conhecimentos e suas ideias e interpreta a realidade. Enquanto princípio organizador dos indivíduos em sua dimensão cultural e social, as representações são meios de difusão dos conhecimentos, que podem ser científicos ou não. Nesse sentido, o conhecimento sobre o patrimônio cultural é compartilhado por meio da comunicação dos indivíduos, quer dizer, não necessariamente precisam de iniciativas formais.

Na teoria proposta por Moscovici (2009), a representação é formada por dois mecanismos: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem refere-se à incorporação ou à apropriação do novo ao sistema de categorias familiares com as quais os indivíduos organizam seu pensamento. A familiarização do objeto com referências preexistentes

possibilita a integração e a classificação da representação do objeto em um sistema de valores. A ancoragem institui, então, o objeto na dimensão cultural e social do grupo, daí o caráter social de uma representação (RODRÍGUEZ, 2004). Ela é, portanto, a familiarização do novo quando o transferimos para nossa esfera particular para o compararmos e interpretarmos, incluindo-o em um sistema do qual temos controle (MOSCOVICI, 2009). Ou seja, é um processo psíquico de interpretação e representação do conhecimento social que leva à construção do quadro de pensamento do indivíduo com base no coletivo. E essa construção é composta por um sistema que possui elementos centrais e periféricos; o princípio da organização de uma representação é o núcleo, que “apresenta maior durabilidade e resistência” (ARRUDA, 2002, p. 140). A ancoragem possibilita a percepção dos fatores históricos, sociais e culturais que fazem parte dos esquemas de referência dos indivíduos, no caso do núcleo deles, e, por esse motivo, é extremamente relevante para a compreensão das representações sociais (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2011). O segundo mecanismo é a objetivação, que implica “transformar algo abstrato em algo quase concreto, é transferir algo que está na mente para o mundo físico” (MOSCOVICI, 2009, p. 61). A objetivação estabelece a ligação da não familiaridade com a realidade, fazendo com que algo ou alguém que apenas se encontra no pensamento seja transferido para a realidade; “objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma ideia, ou ser impreciso; é reproduzir um conceito em uma imagem” (MOSCOVICI, 2009, p. 71).

Assim, as representações sociais estão relacionadas com a realidade social e histórica e contribuem para a sua construção. Nesse sentido, a compreensão das representações sociais é uma possibilidade interdisciplinar que pode ser empregada no estudo das relações da sociedade com os espaços museais com os quais se relaciona, auxiliando a identificar de que modo um grupo constrói seu conhecimento a respeito da história ali representada. O estudo das representações sociais constitui um caminho para compreender como um museu é concebido e quais os fatores determinantes para a forma como sua inserção na sociedade se deu ao longo dos anos. Desse modo, trata-se de um estudo que pode propiciar subsídios para a construção de ações educativas capazes até mesmo de proporcionar a transformação das representações que a população possui sobre o museu.

EDUCAÇÃO E MUSEUS

Atualmente não cabe mais ao museu apenas guardar, preservar, conservar, documentar e expor acervos, mas a ele são imbuídos objetivos muito mais profundos e ligados a uma função social, e nesse entendimento de função social destaca-se a relação que os espaços museais possuem com a educação.

Fazendo um percurso pelo campo da museologia, enumerando seus principais marcos e evoluções, é possível entender e contextualizar a preocupação atual em pensar um museu como um espaço educativo, visto que o debate sobre museus e educação já está em voga desde o final da década de 1950.

No período de 1958 a 1992 podem ser vistas ações e debates indicativos de mudanças nas práticas museológicas e de um novo olhar e entendimento sobre os museus. Quatro documentos são essenciais para a compreensão daquele novo contexto:

São eles: as conclusões do Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958), que indicou um objeto de estudo para a Museologia; a Declaração da Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972, que introduziu o conceito de um museu integral, abrindo novas trilhas para as práticas museais; a Declaração de Quebec de 1984,

que sistematizou os conceitos básicos da Nova Museologia; a Declaração de Caracas de 1992, que poderia ser interpretada como uma avaliação crítica de todo esse percurso ao reafirmar o museu enquanto canal de comunicação (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 6).

Desses documentos emanam questões para pensar uma nova lógica de museu, em que o sentido não está mais em seu acervo, mas em sua atuação: o museu como um espaço de educação, o museu integral voltado para sua comunidade e o museu como um espaço de comunicação (ARAÚJO; BRUNO, 1995).

Tratando basicamente daquilo que cada documento propõe, iniciamos com o Seminário Regional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre a função educativa dos museus, realizado no Rio de Janeiro em 1958. Esse evento, especialmente, teve um resultado muito importante para a América Latina no que se refere a propostas do museu como espaço educativo, pois direcionou os museus a uma nova inserção em sua comunidade. Os debates foram centrados na reflexão sobre o próprio conceito de museu, no entendimento da museologia como ciência ou não e nos diferentes tipos de museu e suas especificidades. Apesar disso, o museu ainda era pensado em uma perspectiva “tradicional”, na qual o objeto ainda era considerado o mais importante.

No referido seminário, a preocupação com a função educativa ocupa papel de destaque; ela é central na formação do cidadão. Esses foram os primeiros passos para pensar e legitimar a relação entre museu e educação, que passou a ser conceituada e discutida de forma mais ampla a partir da década de 1970 com o entendimento de uma função social dos museus.

A Mesa-Redonda de Santiago do Chile de 1972 foi decisiva para a ampliação da noção de função e atuação dos museus. Um dos resultados do documento foi a definição e proposição de um novo conceito de ação dos museus: o museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. A carta foi toda baseada nos novos processos e realidades sociais que surgiam desde a década de 1960 e apontava a educação como uma das principais ações a serem tomadas pelos museus (ICOM, 1972).

Foi em Santiago do Chile que se passou a entender que o museu possui função social, e a compreensão dessa função desestabilizou aquilo que se pensava até o momento como museu e museologia.

Pode-se dizer que essa mesa-redonda foi um divisor de águas no campo, pois

[...] o conceito de museu integral questionou noções consagradas do universo museológico como o colecionismo, o museu entre quatro paredes, e o patrimônio oficial, identificado apenas com o histórico e o artístico. Despertou a atenção dos profissionais para todo um patrimônio à espera da musealização, para a importância da participação comunitária em todas as instâncias museológicas, e impôs novos métodos de trabalho (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 6).

A partir de então se percebeu que tudo o que se achava saber sobre museologia já não fazia sentido. Quando o museu passou a ter uma nova atuação, foram necessários novos movimentos teóricos no campo, e a noção de função social consistiu no princípio da nova museologia.

Já a Declaração de Quebec de 1984 definiu princípios daquilo que veio a ser chamado de Nova Museologia, ou seja, um movimento que defendia o caráter social dos museus. Mais tarde, a função social dos museus configurou-se como ponto estruturante de outro movimento denominado Museologia Social, no qual se propôs uma nova tomada de consciência orgânica e filosófica acerca dos museus (MOUTINHO, 1993).

A Declaração de Caracas de 1992, por sua vez, centrou-se no debate sobre o museu enquanto canal de comunicação. Esse encontro, que aconteceu 20 anos após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, pode ser visto como um balanço do processo que vinha sendo construído na museologia, uma avaliação sobre a nova atuação dos museus e como a comunicação se encaixa nesse contexto:

Dentro desta perspectiva, e visando uma maior eficácia de ação museológica, tem sido necessário a redefinição das práticas museográficas, bem como repensar a função clara e objetiva para o conhecimento produzido nas mais diversas áreas científicas existentes nos museus. Esse reconhecimento, que se insere no campo da Museologia enquanto Disciplina, e na identificação do objeto museal como fenômeno de comunicação, consolida, assim, uma nova possibilidade de trabalho científico para os museus no mundo contemporâneo (ARAÚJO; BRUNO, 1995, p. 7).

Assim, a partir da década de 1990 o entendimento da função social dos museus se consolidou no que tange a seu papel na educação, na construção da cidadania, no fortalecimento da cultura, tudo isso em meio à comunidade em que estão inseridos.

A noção de museu ligada a uma função social, expressa principalmente pela educação, foi reafirmada na Carta de Paris (UNESCO, 2015) com a amplitude da ação do museu em referência à educação e ao patrimônio cultural e natural:

Os museus, como espaços para a transmissão cultural, o diálogo intercultural, a aprendizagem, a discussão e a formação, desempenham também um importante papel na educação (formal, informal e ao longo da vida), na promoção da coesão social e do desenvolvimento sustentável. Os museus têm um grande potencial para sensibilizar a opinião pública sobre o valor do patrimônio cultural e natural e sobre a responsabilidade de todos os cidadãos para contribuir para a sua guarda e transmissão. Os museus apoiam também o desenvolvimento econômico, nomeadamente através das indústrias culturais e criativas e do turismo (UNESCO, 2015, p. 2).

Ainda, a definição de museu explicita tal noção:

Instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite (UNESCO, 2015, p. 3).

Com base na análise do conteúdo dos documentos apresentados é possível perceber que desde a década de 1950, quando se propuseram novas ações dos museus no tocante à realidade social, várias foram as tentativas para alcançar o objetivo de museu como espaço de educação. Em muitos museus, fundados em contextos distintos dessas novas propostas, como é o caso do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (MILGG), a dificuldade encontra-se em como difundir tal atuação, como fazer, como se adequar, como compreender sua função social e como realizá-la.

A atuação dos museus é ampla; cabe saber como cumprir todos esses papéis. Acreditamos que uma das formas é compreender como a população do entorno percebe o museu e quais são as principais necessidades dessa população para, com base nisso, elaborar ações que ajudem o museu a cumprir sua função social. Nessa perspectiva, propomos

utilizar a teoria das representações sociais como ferramenta para propor uma educação museal mais direcionada à sociedade em que o museu está inserido.

O MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER EM CORUPÁ (SC)

O Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner (MILGG) foi fundado em 1933, dentro do Seminário Sagrado Coração de Jesus, em Corupá, espaço de formação de jovens para o sacerdócio que foi inaugurado em 1932 e funcionou como escola até 2012. O museu foi fundado com o nome de Museu do Sagrado Coração de Jesus e desde 2004 recebe o nome de seu fundador, que iniciou seu acervo com uma coleção de animais taxidermizados por ele.

Como o seminário teria dificuldades em arcar com as despesas de taxidermia, o Irmão Luiz aprendeu a arte de empalhar e, com a ajuda de um amigo farmacêutico, conheceu as formas de conservação das peles com diversos produtos químicos, arcando com os custos desse trabalho, até mesmo importando, da Europa, os olhos de vidro utilizados na recomposição dos animais (KOCH, 2010).

Muitos animais taxidermizados que até hoje fazem parte da coleção do museu foram doados por colonos da região próxima a Corupá ou trazidos de outras regiões, ou ainda morreram no próprio viveiro do seminário ou em zoológicos. O Museu Irmão Luiz é o único em Corupá e também o único da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus no Brasil.

Irmão Luiz iniciou a exposição dos animais taxidermizados em um pequeno espaço, na sala de visitas do seminário, na entrada principal do segundo piso do prédio. Nos anos 1940 o museu já possuía uma sala no andar térreo do seminário, ou seja, local de maior acesso ao público externo. E em 1953, quando foi construída uma nova ala que permitisse abrigar um número maior de alunos, o museu também teve seu espaço ampliado (figura 2).

Figura 2 – Vista da fachada principal do seminário, onde está o museu



Fonte: Arquivo Fotográfico Seminário Sagrado Coração de Jesus (2017)

Irmão Luiz tinha formação de nível fundamental, desconhecia a museologia e montou seu museu a seu modo; era um colecionador que expunha seus objetos, os mais variados. Desde a década de 1940 o museu já era destaque como ponto de visita. O espaço era aberto

ao público aos domingos e feriados, e o próprio Irmão Luiz, com auxílio de seminaristas, atendia a população (SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, 1979). O museu passou a ter livro de registro de visitantes a partir de 1958. Contabilizados esses dados, é possível perceber que desde esse período o museu já recebia grupos escolares para visita.

Em 1951 Rubem Scheid, aluno do seminário, publicou um artigo no qual apresentava o museu como um espaço de aprendizado, afirmando que as exposições transformavam o local em “um ambiente precioso, onde temos o ensejo de expandir científica e praticamente o horizonte dos nossos estudos, para uma cultura mais elevada” (SCHEID, 1951, p. 10). Durante 80 anos, o museu esteve dentro de um espaço voltado para o ensino e a formação e era utilizado como uma espécie de laboratório nas aulas de ciências.

Aos poucos o museu foi ganhando fama e destaque em virtude do elevado número de alunos de diferentes cidades e estados que o visitavam e levavam até sua região informações sobre ele. Irmão Luiz também possuía uma relação muito importante com a comunidade de Corupá, que o reconhecia como um de seus notórios membros e como o responsável pela montagem do museu e pela aquisição de grande parte de seu acervo. Esses fatores certamente contribuíram para a construção de representações sobre o seminário e sobre o museu, já que, como apresentado, as representações são construídas historicamente (MOSCOVICI, 2009).

A coleção zoológica do MILGG é composta por aproximadamente 1.500 exemplares, entre os quais aves, anfíbios, répteis, mamíferos e peixes. Ao todo o museu possui mais de 30 mil objetos que foram agrupados ao longo dos anos. A Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus tem o museu como um aglutinador de coleções referentes à história da Região Sul do Brasil e de seus religiosos. Assim, para o museu são enviadas coleções das mais variadas tipologias de padres falecidos ou de espaços que possuam objetos de valor histórico para a congregação. Atualmente existe um vasto acervo de indumentária religiosa, arte sacra, acervo etnológico, instrumentos musicais, peças de arqueologia, coleções de lápis, numismática, chaveiros, caixa de fósforos, fotografias, entre outros. Foram inclusos no acervo também objetos de uso do seminário que, ao longo do tempo, foram perdendo seu uso, ficaram obsoletos.

Desde a década de 1990 o número de alunos no seminário começou a diminuir, por diferentes motivos, o que impulsionou a congregação a pensar em mudanças na estrutura do seminário que promovessem sua sustentabilidade econômica. Assim, por volta de 2008 começaram a ser realizadas reformas e adaptações na ala em que o museu ocupava uma sala, de modo a ampliar seu espaço, indo ao encontro dos novos usos a serem pensados para o seminário como um todo. A partir desse período o museu foi adquirindo a estrutura de um museu vinculado a uma instituição, com o dever de memória e preservação institucional, passando a ser considerado o museu da história do próprio seminário e buscando ampliar cada vez mais sua função social.

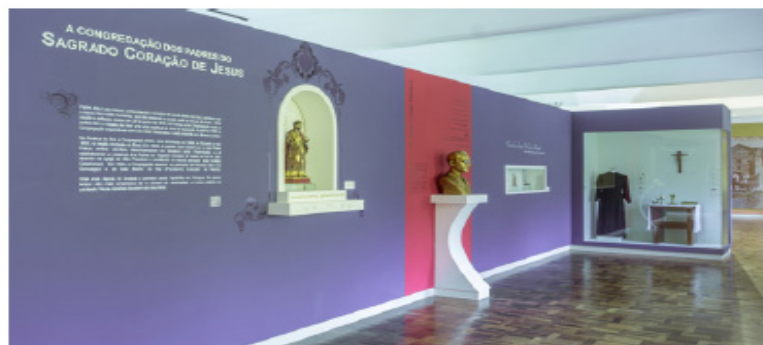
Quando oficialmente, em 2012, o seminário deixou de receber alunos, alguns espaços que anteriormente acomodavam os seminaristas foram readequados, e o museu passou a ocupar a ala inteira, da qual antes só possuía uma sala, passando a ter instalação de reserva técnica e mais salas expositivas. Em virtude disso, foi iniciado o projeto de requalificação do MILGG, buscando adequá-lo às normativas do campo da museologia. Como primeiro resultado foi feita uma nova exposição sobre a história do seminário. Essa mostra foi pensada com base em um novo contexto expográfico, constituindo um grande contraste com a exposição de taxidermia que ainda existe tal qual há décadas.

Atualmente o museu abrange uma área aproximada de 1.479,16 m², divididos entre espaços de exposição, reserva técnica e salas de atividades. Está distribuído em quatro pavimentos da ala construída em 1953: o primeiro e segundo andares abrigam as exposições, e os demais, a reserva técnica e salas administrativas.

A exposição histórica fica localizada no primeiro piso e é denominada “Seminário de Corupá: fé, formação e recanto de paz” e é o primeiro espaço a ser visitado. O primeiro

módulo, denominado Fé (figura 3), apresenta a história da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, seu fundador Padre Dehon, imagens do Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria, patronos da congregação, além de uma vitrine com trajes religiosos e objetos litúrgicos. No texto do módulo encontram-se informações sobre a chegada dos padres dehonianos ao Brasil e a Santa Catarina.

Figura 3 – O módulo Fé (2013)



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O segundo módulo, denominado Construção (figura 4), reflete em seu texto informações sobre o acordo feito para a construção do seminário em Corupá. Apresenta documentos do período referentes à compra de materiais e serviços para a obra e também uma maquete da primeira ala construída, assim como um monitor de televisão onde passam fotografias sobre o processo de construção e ampliação do prédio do seminário (figura 4).

Figura 4 – Módulo Construção – destaque da maquete do seminário (2013)



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O terceiro módulo, denominado Formação (figura 5), busca remeter ao seminário como espaço de ensino. Um segundo monitor mostra várias fotos das diversas turmas de alunos, enquanto em vitrines são apresentados materiais didáticos e religiosos utilizados nas aulas e nas demais práticas do seminário. A figura 5 mostra em primeiro plano um diorama que representa uma sala de aula com mesas, cadeiras e demais objetos utilizados pelos alunos e professores do seminário por volta da década de 1950 a 1990.

Figura 5 – Módulo “Formação” (2013)



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O último módulo, denominado Recanto de Paz (figura 6), foi proposto para ilustrar o momento atual do seminário, como espaço de turismo e cultura, mas em sua exposição são apresentados objetos das diversas coleções que compõem o museu, como miniaturas de carros e de outros objetos, coleções de bonecas e de canecos. Em uma montagem de fotos na parede, em forma de cruz (figura 6), são apresentadas algumas atividades que acontecem nos espaços do seminário.

Figura 6 – Módulo Recanto de Paz (2013)



Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

Essa exposição segue uma perspectiva de memória institucional, direcionada e linear, ao apresentar a história do seminário, no entanto expograficamente ela possui mais recursos se comparada à exposição da coleção de taxidermia que está no segundo piso.

Na exposição da coleção zoológica não existe uma perspectiva expográfica, como ocorre com a histórica. Na zoológica são apresentados ao público, em armários, os diversos animais taxidermizados pelo Irmão Luiz. Os armários (figura 7) são os mesmos utilizados desde 1953, porém, diferentemente de quando o Irmão Luiz estava à frente do museu, agora não são expostos tantos animais em um mesmo armário e não estão mais misturados com outros tipos de acervo. Realizaram-se algumas melhorias no que se refere principalmente à classificação taxonômica das espécies, para as quais foram conferidas e produzidas novas etiquetas.

Figura 7 – Exposição de taxidermia (2013)

Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O museu ainda possui mais algumas salas que, em momentos pontuais, são utilizadas para exposições temporárias, além de salas ligadas a atividades técnicas, mas são esses dois espaços expositivos que são visitados pela população e, portanto, aqueles que podem auxiliar na construção de representações sociais sobre o museu.

Até 2012 não se desenvolveu nenhuma ação que pensasse o museu como espaço educativo para todos os públicos, mas apenas para os seminaristas; a dimensão educativa mais ampla só começou a ser pensada e executada a partir de 2013. Desde então, considerando as transformações que aconteceram no museu com o projeto de requalificação e com a formação de um quadro específico de funcionários, a educação foi, e está sendo, o centro das ações sociais do MILGG.

Desde 2014 o museu vem desenvolvendo um trabalho de educação ambiental em uma área de mata nativa anexa ao prédio. Esse espaço foi adequado para isso, instalando-se uma sala de aula aberta, e nos espaços do entorno foi aberta uma trilha em meio à vegetação (figura 8) onde são desenvolvidas atividades interpretativas relacionadas à exposição de taxidermia.

Figura 8 – Alunos desenvolvendo atividades na trilha (2017)

Fonte: Arquivo Fotográfico Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner

O objetivo principal é possibilitar aos visitantes entender a técnica da taxidermia como um modo de preservação, conhecimento e estudo da fauna relacionada a um contexto específico, possibilitando a reflexão atual sobre a importância da preservação ambiental. Por

intermédio das atividades promovidas nesse espaço, é possível experienciar o contato com a natureza viva, mediante a observação de animais, principalmente aves e insetos encontrados ao longo da trilha, bem como das espécies da flora. Essa experiência visa levar o visitante a sair do museu com a percepção de que a natureza em sua forma plena é mais prazerosa de contemplar do que apenas uma exposição. É uma maneira de despertar a atenção para a preservação, não criticando a exposição de taxidermia, mas problematizando-a.

Esse espaço incorporado ao museu recebeu o nome de Paraíso do Irmão Luiz; para cada grupo de visitantes é planejada uma atividade específica de acordo com o perfil do grupo e os objetivos da visita. Em geral, são trabalhados os habitats dos animais que são apresentados no museu ou ainda relações entre as espécies da natureza, sempre temáticas vinculadas à educação ambiental.

Atualmente o museu oferece dois tipos de visita às exposições: uma com monitoria dos espaços expositivos, seguindo a narrativa que é proposta em cada exposição, e outra planejada especialmente para o grupo que solicita o atendimento, atentando para os seus objetivos. Ou seja, são realizadas, além das visitas às exposições, atividades educativas e culturais que podem ser referentes a um espaço ou temática específica ou àquela que relaciona o museu a todo o contexto em que está inserido.

No campo do patrimônio cultural, alguns grupos já visitaram o museu para a discussão de arquitetura, arte, práticas religiosas, história da educação, assim como foram atendidas escolas de Corupá que se dirigiram ao espaço buscando mais informações sobre a história da cidade. É importante ressaltar que essas relações não estão explícitas nas exposições, por isso é necessária uma mediação, visto que a expografia direciona uma única perspectiva.

Ao longo de 2017 o número total de visitantes especificamente para a realização de atividades educativas foi de 1.279 pessoas, principalmente grupos de escolares e alguns de terceira idade (MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER, 2017).

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O MILGG

Com vistas a compreender como o MILGG é representado pelos habitantes de Corupá, desenvolveu-se uma pesquisa que objetivou identificar e analisar tais representações. A pesquisa foi feita em diversos pontos de concentração dos variados bairros do município, como praças e supermercados. Empregou-se um formulário estruturado, aplicado a 130 moradores da cidade, dos quais 52% são nascidos em Corupá, conforme perfil dos entrevistados apresentado no quadro 1. Com base nessa análise foi possível produzir dados significativos e norteadores em relação às representações sociais da população sobre o museu e conjecturar como utilizá-los para fins de desenvolvimento de ações educativas.

Quadro 1 – Perfil dos entrevistados

| | |
|--|--|
| <p>Gênero: Mulheres: 31% Homens: 69%</p> | <p>Escolaridade: 1.º grau incompleto: 11% 1.º grau completo: 6% 2.º grau completo: 29% Ensino superior incompleto: 4% Superior completo: 8% Pós-graduação: 4%</p> |
| <p>Idade: 18 a 24 anos: 39% 25 a 34 anos: 23% 35 a 44 anos: 10% 45 a 54 anos: 16% Acima de 55: 12%</p> | |

Fonte: Primária (2017)

O formulário foi organizado em três séries de perguntas: a primeira sobre o perfil dos entrevistados, já apresentado, a segunda sobre patrimônio cultural e museus e a terceira sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner.

Na segunda série, em relação ao que os entrevistados compreendem como patrimônio e museu, surgiram respostas que podem influenciar o direcionamento da educação patrimonial da instituição. Quando questionados sobre o que é um patrimônio cultural, 48% responderam que se trata de bens que possuem algum valor e significado, e 59% consideram que o patrimônio deve ser preservado por seu valor histórico. Viu-se, ainda, que 40% dos entrevistados acreditam que é a comunidade quem deve preservar esse patrimônio.

Em relação ao fato de existir algum patrimônio cultural em Corupá, 70% responderam que o Seminário Sagrado Coração de Jesus é um patrimônio cultural da cidade. O museu fica localizado nesse seminário, e em análise é possível relacionar que a maioria considera esse espaço como patrimônio por conta da sua dimensão e arquitetura e que, em geral, o entendimento de patrimônio está ainda muito vinculado a construções.

Tratando-se da definição do que é um museu, 45% consideram um lugar de história; 27% um espaço de cultura e aprendizado; 12% uma exposição de objetos antigos; 8% lugar de coisas velhas; e 8% não souberam responder. Essa questão supera, em geral, uma visão ainda vigente de que o senso comum considera o museu como “lugar de coisas velhas”. Como é possível perceber, essa resposta foi dada por um número pequeno de pessoas, e o que se destacou foi o entendimento de museu como espaço de história. O fato de os museus também serem vistos como espaços de aprendizado igualmente deve ser destacado, ou seja, a relação entre museu e educação já está presente nas representações da população de Corupá quando se referem ao papel dos museus. Acredita-se que essa conjuntura possa estar relacionada às atividades do MILGG ligadas ao ensino durante toda sua trajetória, até mesmo por estar localizado em uma tradicional instituição escolar, mesmo que religiosa.

Com relação à terceira série de perguntas, a primeira questionava se havia um museu em Corupá; 78% disseram que sim, porém, dentre eles, 31% nunca o visitaram, ou seja, sabem que o museu existe mas não o conhecem.

Entre os dados levantados nessa série, destaca-se o fato de o museu não ser conhecido pela maioria das pessoas por seu nome oficial: 72% da população acha que o nome é Museu do Seminário; 18% sabem que o nome é Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner; e 10% acham que se chama Museu do Sagrado Coração de Jesus. Desses dados é possível identificar a ausência de uma visão dissociada de museu e seminário e que o nome atual do museu ainda é desconhecido da maior parte da população.

Em relação às exposições do museu, 81% dos entrevistados disseram que gostam mais da exposição de animais taxidermizados. Essa resposta contrasta com aquelas que mostraram que apenas 78% dos entrevistados sabiam da existência de um museu na cidade. Esse fato pode indicar que, para uma parcela dos entrevistados, a coleção de taxidermia é mais significativa do que a instituição onde ela está abrigada, não a identificando como parte de um museu.

Quando questionados sobre o que mais chama atenção no museu, novamente os animais são destaque: 50% dos entrevistados consideram que é a coleção de taxidermia. Tal dado permite entender que é preciso trabalhar muito mais a exposição de animais taxidermizados, uma vez que ela pode favorecer um aprendizado único, mas, por outro lado, a exposição que conta a história do seminário não tem atraído tanto a atenção dos munícipes, apesar de apresentar recursos expográficos mais atuais.

Quando se perguntou sobre para que serve esse museu, 67% acham que é para preservar e divulgar a história; 17% para divulgar a cultura; e 11% consideram que não serve para nada. Reforça-se a relação entre museu e História, mesmo se tratando de uma instituição onde a zoologia predomina. E, apesar de não representar a maioria, o fato de 11% considerar o museu uma instituição inútil é um dado preocupante, uma vez que o

museu possui diversas funções sociais que estão passando despercebidas a essa parcela da população. Com base nisso, o museu pode repensar algumas atividades que divulguem seu papel, proporcionar ao público o conhecimento acerca dos trabalhos realizados nos seus bastidores e procurar envolver mais a população nisso, por exemplo.

Outro dado a ser trazido para essa discussão foi retirado da pergunta que instiga o entrevistado a propor outros usos para o museu: “Você acha que este museu pode servir para outros usos?”. Nessa questão 67% acreditam que o museu pode servir para conhecimento e aprendizado, ou seja, novamente o entendimento de museu como espaço de educação aparece. Por outro lado, tal resposta demonstra que as atividades voltadas ao aprendizado, tradicionais na instituição, não são de conhecimento da maioria dos entrevistados. Apesar de constituir uma atividade preponderantemente destinada a grupos escolares, deve-se pensar se aqueles respondentes ou seus familiares fizeram parte de algum desses grupos durante suas trajetórias educacionais. Será que realmente o MILGG está cumprindo suas funções na sociedade onde está inserido? A que se deve o desconhecimento apontado?

Apesar de o museu ter recebido mais de mil pessoas em atividades diferenciadas no ano de 2016, como citado neste artigo, apenas 16% foram de grupos de Corupá; outros 84% foram provenientes de outras cidades do norte de Santa Catarina. Essa informação pode ajudar a entender por que o museu não é entendido como um espaço de ensino pela população de Corupá. Isso porque uma parcela mínima da população da cidade, em idade escolar, está sendo atingida pelas ações educativas ali desenvolvidas, e essa é uma realidade mais distante ainda dos públicos não escolares, fazendo com que a grande maioria desconheça essa face do museu.

Vale destacar que o museu vem tentando, desde 2013, desenvolver atividades que permitam uma relação maior com a comunidade de Corupá. Além do público escolar, sempre na Semana Nacional de Museus, em maio, e na Primavera dos Museus, em setembro, a instituição busca desenvolver alguma atividade para interação com a cidade. Já foram realizados exposições, apresentações, palestras, concurso fotográfico, entre outros, mas de modo geral a participação da população é ainda pequena. Ao longo de 2016 e 2017 o museu implantou alguns dias, geralmente feriados ou domingos, em que a entrada para moradores da cidade era gratuita; nesses casos, houve um fluxo maior de visitantes.

Assim, considerando o que foi demonstrado, o museu atua como espaço de educação, mas esse caráter limita-se a públicos escolares, principalmente de fora da cidade, o que proporciona um distanciamento da população local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os museus são espaços impulsionadores de conhecimentos diversos, numa proposta de ensino e aprendizagem não formal. Muitas ações são projetadas no sentido de conhecer melhor o público que visita os museus. Assim sendo, conhecer seu espaço e seu público é essencial para o planejamento de ações voltadas à educação museal. Nesse ponto, o uso da teoria das representações sociais apresenta-se como uma ferramenta diferenciada para que, na dimensão do social, a instituição tenha conhecimento de como é representada por sua comunidade e de que forma isso pode ser um fator norteador para reforçar ou modificar representações.

A pesquisa desenvolvida com o MILGG trouxe diversas questões antes nunca debatidas ou questionadas pela instituição, entre as quais se destaca a necessidade de ampliar o raio de ações educativas destinado à população da cidade, além de proporcionar maior atenção à exposição de taxidermia que, apesar de impulsionar diferentes trabalhos educativos, enquanto exposição esteve em segundo plano desde a reformulação da exposição principal

em 2013. A análise das representações sociais demonstrou que continua sendo a exposição de taxidermia a que mais atrai a atenção da população e pela qual o museu é conhecido na cidade.

O estudo das representações sociais sobre os museus oferece uma compreensão ampla dos múltiplos processos históricos e sociais que acontecem com esses espaços na sociedade contemporânea, possibilitando a outras vezes fazer parte da construção e do estabelecimento de sentidos que vão compor seu contexto. Os processos de identificação, ressignificação, apropriação, valorização, defesa e difusão da memória ali apresentados estão intimamente ligados aos processos do conhecimento social da realidade e a uma compreensão histórica da realidade representada. Isso faz com que os indivíduos se identifiquem, reconhecendo-se ou não com esses espaços, incluindo-os ou não na sua vida cotidiana.

A pesquisa indicia que o núcleo das representações sobre o Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner está centrado em sua vinculação com a História, ou seja, um museu, seja ele qual for, segundo a sociedade investigada, tem como sua principal função mostrar a História.

Para a população, museu é um lugar onde se preserva e se mostra a História; nesse caso, o MILGG não é entendido pela população como museu, uma vez que possui uma exposição de animais que, conforme foi possível ver, chama a atenção, mas não é relacionada com a História; além disso, possui uma exposição de história institucional que exclui a cidade e passa a ter sentido para um grupo muito específico. Ou seja, na medida em que a população não consegue relacionar o MILGG diretamente com a História, este não é considerado por ela um museu.

Portanto, com relação às representações que essa sociedade tem especificamente sobre o MILGG, percebe-se que seu núcleo está focado na coleção de animais taxidermizados, mas que esta não está, necessariamente, identificada como parte de uma instituição museal. Isso se deve, provavelmente, a representações periféricas que demonstram um desconhecimento com relação às atividades educativas ali desenvolvidas e uma não vinculação desse museu com a História. Dessa forma, a coleção de taxidermia torna-se algo independente das funções atualmente esperadas para um museu, e é com base nela que o MILGG deve ser repensado, reforçando a vinculação entre Ciências e História.

Para reforçar as representações aqui analisadas, as atividades que o museu está desenvolvendo, no âmbito da educação, não estão alcançando a população, que cada vez mais vê no museu um espaço sem uma funcionalidade importante ou desejada.

Assim, é possível concluir que ações educativas e culturais a serem pensadas daqui por diante devem perpassar a divulgação e o conhecimento da própria história institucional, seu nome, seu fundador, sua relação com o seminário e a cidade, seus acervos, seu papel, mesmo que modesto, mas desempenhado de forma a se perpetuar como um espaço com função social exequível.

A identificação das representações sociais da população de Corupá sobre o MILGG trouxe diversas questões relativas às representações que a população constrói sobre o museu e sobre metas institucionais que desconsideram o público frequentador do espaço que o avalia por dois aspectos: expositivo e educativo.

REFERÊNCIAS

ALBA, Martha de. Representações sociais e memória coletiva: uma releitura. In: ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima S.; TRINDADE, Zeidi Araújo (Orgs.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Tecnopolitck; Centro Moscovic, 2011.

ALMEIDA, Ângela Maria de Oliveira; JODELET, Denise (Orgs.). **Representações sociais: interdisciplinaridade e diversidade de paradigmas**. Brasília: Thesaurus, 2009.

_____; SANTOS, Maria de Fátima S.; TRINDADE, Zeidi Araújo (Orgs.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Brasília: Tecnopolitck; Centro Moscovici, 2011.

ARAÚJO, Marcelo Mattos; BRUNO, Cristina (Orgs.). **A memória do pensamento museológico brasileiro: documentos e depoimentos**. São Paulo: Comitê Brasileiro do Icom, 1995.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). **Mesa-Redonda de Santiago do Chile**. Santiago, 1972. Disponível em: <http://www.museologia.portugal.net/files/texto_de_apoio_01_declaracoes.pdf>. Acesso em: 4 set. 2016.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

KOCH, Eloy Dorvalino. **Irmão Luiz Gartner S. C. J., perfil biográfico: em contexto brusquense e dehoniano**. Brusque: Mercúrio, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da Sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MOUTINHO, Mário. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Sociomuseologia**, n. 1, p. 7-9, 1993.

MUSEU IRMÃO LUIZ GODOFREDO GARTNER. **Livros de registro de visitantes 2017**. Corupá, 2017. Acervo do Arquivo do Museu Irmão Luiz Godofredo Gartner.

_____. **Plano museológico**. Corupá, 2016.

NOVAES, Adelina; ORNELLAS, Maria de Lourdes; ENS, Romilda Teodora. Convergências teóricas em representações sociais e seu aporte para o estudo de políticas docentes. **Revista Diálogos Educativos**, Curitiba, v. 17, n. 53, p. 999-1.015, 2017.

RECHENA, Aida. Teoria das representações sociais: uma ferramenta para a análise de exposições museológicas. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, n. 41, p. 211-244, 2011.

RODRÍGUEZ, Eulogio Romero (Org.). **Representaciones sociales: atisbos, cabilaciones del devenir de cuatro décadas**. México: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2004.

SCHEID, Rubem. O nosso museu. **Éco dos Seminários**, n. 4, 1951.

SEMINÁRIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. **Folheto em comemoração aos 50 anos de vida religiosa de Ir. Luiz.** Corupá, 1979. Acervo do Arquivo do Seminário Sagrado Coração de Jesus.

UNESCO. **Recomendação relativa à proteção e promoção dos museus e das coleções, da sua diversidade e do seu papel na sociedade.** Paris, 20 nov. 2015. Disponível em: <http://icom-portugal.org/multimedia/documentos/UNESCO_PMC.pdf>. Acesso em: 4 set. 2016.